

SUBJETIVIDADE E ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO DAS CIÊNCIAS HUMANAS: UM ESTUDO DE CASO *

Maria Ivete ALBINI

RESUMO Tomando como base para a constituição do corpus a dissertação de mestrado em Antropologia intitulada “*Projetos de vida - Um estudo das representações femininas do aborto*”, de Rosângela Di Giovanni, este trabalho tem como objetivo o estudo da subjetividade no discurso das ciências humanas, a partir da noção de sujeito defendida por Possenti. Dentro deste enfoque teórico, o sujeito do discurso não aparece como totalmente assujeitado. A presença da atividade de um sujeito é amplamente percebida, entre outros exemplos, no trabalho do sujeito com recursos como paráfrases e com discursos relatados. Os fenômenos associados à heterogeneidade discursiva aparecem, nesse enfoque, como subjetividade mostrada (Possenti). A atividade do sujeito claramente presente no texto de Di Giovanni foi relacionada a uma outra noção de igual relevância - a noção de argumentação, em que se destaca a importância do auditório.

Palavras-chave Análise do discurso. 2. Subjetividade.

SUMMARY The Anthropology Essay entitled “*Projetos de vida - Um estudo das representações femininas do aborto*”, written by Rosângela Di Giovanni, has been taken as support to produce the corpus for this work, which has as objective the study of the subjectivity in the speech of the Human Sciences, starting from subject’s notion of defended by Possenti. Inside of this theoretical focus, the subject of the speech doesn’t appear as totally subjection. The presence of the activity of a subject is noticed thoroughly, among other examples, in the work of the subject with resources as paraphrases and with told speeches. The phenomenon associated to the discursive heterogeneity appear, in that focus, as shown subjectivity (Possenti). The subject’s activity, clearly present in Giovanni’s text, was related to another notion of

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, em 08 de agosto de 2000, sob a orientação do Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo.

the same relevance - the argument notion, in that stands out the importance of the auditorium.

Key-words: *Discourse Analysis; subjectivity.*

A observação preliminar do uso sistemático de certos recursos expressivos num discurso das Ciências Humanas, especificamente a dissertação em Antropologia intitulada “Projetos de vida-Um estudo das representações femininas do aborto”, defendida por Rosângela Di Giovanni, em 1983, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas foi o ponto de partida para que se pensasse na necessidade de rever uma das questões que têm merecido bastante atenção por parte daqueles que se debruçam sobre a análise dos discursos: o estatuto do sujeito. A presença marcante de um outro elemento - o auditório - exigia a consideração, ainda, de uma teoria que fosse compatível com a teoria do discurso por nós privilegiada e que a complementasse em nosso esforço de explicação dos fenômenos observados. O auditório, considerado um dos elementos-chave caracterizadores do discurso argumentativo, leva-nos, desde o início, a acreditar que a Teoria da Argumentação caminha junto com a noção de sujeito assumida por nós.

Segundo Perelman (1996, p.22), é difícil determinar, “com a ajuda de critérios puramente materiais, o auditório de quem fala”, sendo preferível defini-lo como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”. No caso em questão, acreditamos ser possível afirmar que o auditório seja composto por grupos de ouvintes de caráter bem diferenciado, e até mesmo pelos leitores (Reboul, 1998, p.92).

A relação que estabelecemos e procuramos compreender entre a subjetividade e a argumentação já foi objeto de outros trabalhos, como o de Osakabe (1979), o de Zamboni (1997) e o de Brandão (1998). Para nós, o enfoque até agora dado a essa questão não parecia adequado para dar conta da complexidade com que o fenômeno se apresentava no corpus que tínhamos em mãos.

O surgimento do enfoque que escolhemos como o mais adequado para tratar da questão do estatuto do sujeito teve lugar num certo instante da evolução por que passa a teoria do discurso, notadamente aquela defendida pela Análise de Discurso Francesa (AD). Como se sabe, a AD está fundamentada em uma teoria do discurso que defende o total assujeitamento do sujeito. Uma de suas vertentes tem Pêcheux como figura representativa máxima. Uma outra vertente, também expressiva, carrega o nome de J. Authier.

Em seu percurso histórico, a AD passou por momentos de questionamento que a levaram a repensar determinados conceitos, como o da formação discursiva (FD). Inicialmente, ou seja, naquilo que se convencionou chamar de “primeira época”, ou AD-I, a posição assumida, estruturalista, aceitava a noção de um “sujeito-estrutura”, que determina os sujeitos como produtores de seus discursos. Nesta fase, segundo Pêcheux, a interpelação ideológica é que constituiria, simultaneamente, o sujeito e o

sentido de seu discurso. O sujeito, no interior de uma FD, encontra-se sob as coerções desta, que é regulada por uma formação ideológica (FI).

Na AD-2, começa-se a reconhecer que há uma relação entre a FD em que se encontra o sujeito de um discurso e seu “exterior”, isto é, aquilo que se acreditava ser um espaço estrutural fechado estaria relacionado, paradoxalmente, a outras FDs “exteriores”. Embora a idéia do assujeitamento se mantenha, o surgimento da noção de interdiscurso leva a um questionamento da própria noção de FD, e a preocupação com a heterogeneidade discursiva irrompe com toda a força.

É na chamada AD-3 que se reconhece a existência da heterogeneidade constitutiva, e que ela é produzida pelas várias posições assumidas pelo sujeito, o qual “trabalha” no sentido de harmonizar as diversas vozes, destacando uma e “apagando” as discordantes. A questão da alteridade ganha contornos decisivos no estudo da construção dos objetos discursivos.

Authier-Revuz, na outra vertente, anexa à noção de heterogeneidade constitutiva de todo discurso a noção de heterogeneidade mostrada. Esta última estaria marcada no discurso de forma explícita - diferentemente daquela, não-marcada em superfície - por meio do uso de certos recursos expressivos, como as formas do discurso relatado, o uso das aspas, etc. No fio do discurso, tais recursos funcionariam como formas de ruptura, marcando o confronto identidade/alteridade do sujeito.

Esse ambiente de questionamento de uma noção fundamental para a AD, como o da FD, e a conseqüente importância assumida pela noção de heterogeneidade foram favoráveis à inserção de uma nova maneira de conceber o sujeito. A partir da noção de “heterogeneidade mostrada”, Possenti (1995), analisando textos curtos, em geral de efeitos humorísticos, vê nas marcas da heterogeneidade mostrada a presença indissociável do sujeito; mais que isso, interpreta-as como indicativas da ação do sujeito na linguagem, sugerindo que se trate de casos de “subjetividade mostrada”. Nos casos enfocados pelo autor, os dados apontam para a presença de um trabalho do “eu” sobre o discurso do “outro”. Na maioria dos casos analisados pelo autor, o sujeito, ao recuperar, numa determinada circunstância, um discurso proferido alhures por um “outro”, procede a pequenas modificações desse discurso de modo a adaptá-lo à situação em que vai usá-lo, e de modo a produzir o efeito de sentido humorístico. Um exemplo é o enunciado estudado por Possenti (1995, p.52) que teria sido dito pelo apresentador de TV Faustão: “Quando um não quer, o outro vira pro outro lado e dorme.” O autor chama a atenção para a intervenção do “eu” no discurso do “outro” no domínio dos provérbios, em que o locutor se aproveita de parte de um enunciado proverbial muito conhecido - criando, portanto, uma expectativa do que se segue - para revelar um discurso mais reservado, relacionado ao tema do tédio conjugal. O efeito humorístico adviria, entre outras coisas, da surpresa causada pelo inesperado.

Dos elementos destacados pelo autor na análise dos casos, destacamos, em nosso estudo, aqueles que, aliados à tese defendida anteriormente por Possenti

(1988) - segundo a qual o estilo pode ser interpretado como uma marca do trabalho do sujeito no discurso - servem de mote para justificar o aproveitamento que se pode fazer de tal concepção do sujeito para análise de discursos produzidos em outro campo.

A idéia, no caso específico a que me propus observar, era enfocar um discurso produzido na área das assim chamadas Ciências Humanas. Interessava-me verificar a possibilidade de aplicação da concepção de sujeito preconizada por Possenti a este tipo de discurso uma vez que a análise preliminar dos dados permitia notar a proliferação de marcas de heterogeneidade mostrada, como o uso insistente das aspas, o grande número de discursos relatados e a utilização de paráfrases.

Do corpus produzido a partir da dissertação de mestrado em Antropologia intitulada “Projetos de vida - Um estudo das representações femininas do aborto”, de Rosângela Di Giovanni, levantamos dados que mostravam ser pertinente identificar aí a atividade do sujeito. Os recursos expressivos utilizados pela autora deixavam ver claramente a presença do trabalho de um locutor (Giovanni) sobre o discurso do “outro” (no caso, as mulheres entrevistadas na pesquisa). O primeiro exemplo abaixo destaca o fenômeno da paráfrase e procura mostrar como se dá a interpretação do discurso da entrevistada pela autora, que o reformula, adequando-o a certos fins:

- 1a) discurso de Rose, uma das entrevistadas: “Eu vou querer ter filhos quando eu tiver uns 30 anos, quando eu estiver com a minha vida mais organizada, mais estabilizada. Eu quero ter condições econômicas e emocionais para ter um filho. Gostaria de estar mais estabilizada profissionalmente e economicamente. E gostaria que fosse fruto de uma relação verdadeira, profunda. Gostaria que fosse filho de um homem que eu realmente amasse muito.”
- 1b) discurso da autora: “As condições definidas como necessárias para se ter filhos explicitam seu projeto de vida que inclui: estabilidade profissional, condições econômicas e uma relação afetiva estável.”

Por meio da supressão de “condições emocionais” e da interpretação de “relação verdadeira, profunda” e “de um homem que eu realmente amasse muito” por “relação afetiva estável”, Giovanni elabora seu discurso (1b) a partir do discurso da entrevistada (1a), no qual acredita estar explícito um projeto de vida que, segundo ela, inclui: estabilidade profissional, condições econômicas e uma relação afetiva estável. Em outros exemplos analisados por nós, a atividade interpretativa e o subsequente uso dos diferentes tipos de fenômenos que a atividade parafrástica pode encerrar, como o resumo, a subtração, o acréscimo, a substituição, o deslocamento, podem ser vistos como marcas indicativas da atividade do sujeito no discurso.

Um outro fenômeno relativo à heterogeneidade que tornou possível observar a atividade do sujeito, sendo por isso digno de nota, foi o do discurso relatado. Os exemplos abaixo destacam o trabalho efetuado pelo sujeito quando da utilização desse recurso, que é rico em possibilidades de análise porque permite focar não somente as formas com que a autora escolhe transmitir o discurso das entrevistadas, mas também os verbos dicendi antepostos a ele. No que concerne às formas de transmissão, partindo-se de estudo de Bakhtin (1929) em que se analisam as diferentes formas de transmissão do discurso de outrem e suas variantes, pôde-se verificar que a autora, no constante uso desse recurso, chega a criar um estilo próprio para relatar o discurso das entrevistadas ao misturar características próprias a diferentes formas de transmissão, como no exemplo (2), em que abusa das aspas, marcando insistentemente a entrada da fala do outro numa reprodução que aparenta ser, ao mesmo tempo, do tipo indireto e do tipo indireto livre.

- (2) Irene, em função “do mínimo” envolvimento do parceiro, decidiu sozinha interromper a gravidez. Apesar de esperar um envolvimento maior por parte do parceiro, “afinal eram três anos de namoro”, Irene considera que “a decisão de um problema desses é sempre da mulher” enfatizando que “ninguém pode decidir por ela.”
- (3) Sílvia enfatiza que “não queria aquela situação para um filho. Filho de mãe solteira, o pai casado com outra. Eu achei que essa criança não seria feliz.”

O exemplo (3) apresenta uma espécie de combinação de DI com DD. Pode-se ver, aqui, um trabalho bastante marcado da autora e que parece produzir um efeito diferente do que se obteria com o uso de uma ou outra forma de transmissão isoladamente.

No quesito verbos dicendi, a atividade empreendida se dá pela supressão de determinados verbos dos discursos das entrevistadas e pela substituição de outros quando da passagem do discurso das entrevistadas para a fala da autora, que “retoma” as histórias das mulheres; num “resumo”, destaca aspectos que lhe permitem chegar a certas conclusões. As mulheres se utilizam de “resolver” e “decidir” quase que com o mesmo número de ocorrências, enquanto Giovanni, nos comentários, praticamente elimina o verbo “resolver”, ao mesmo tempo em que aumenta consideravelmente o número de ocorrências para o verbo “decidir” (usando também o substantivo “decisão”), conforme quadro abaixo.

Verbo	Disc. Giovanni	Disc. Entrevistadas
decidir/decisão	72	19
resolver	01	26

É possível entender, no quadro argumentativo empreendido por Giovanni, o uso do verbo “resolver” como uma forma mais marcada no sentido de evidenciar a presença de um conflito por parte das mulheres na busca de uma solução para o problema da gravidez indesejada; tal procedimento aponta para a identificação de uma maneira como ela, a autora, avalia a questão do aborto.

Uma outra atividade bastante perceptível no corpus ocorre tendo por base os termos relativos ao sentir, como “sentir-se/ sensação/ sentimento”. Nos discursos (citados) das mulheres, eles ocorrem 60 vezes no total, enquanto que, nos comentários de Giovanni, eles não ultrapassam o número de 25 ocorrências. Também é digno de nota o trabalho realizado pela autora na supressão de termos como “sofrer/ sofrimento” e “medo”. Nos depoimentos das mulheres, “sofrer/ sofrimento” ocorrem 13 vezes e “medo” 11 vezes. Este último só ocorre uma vez no comentário de Giovanni, mesmo assim entre aspas. O procedimento permite a Giovanni transpor para seus comentários, a partir da interpretação dos discursos citados, o sofrimento por que passam as mulheres que abortaram, mas agora, imprimindo um direcionamento novo, que parece corroborar outras idéias defendidas sobre o aborto, como a da necessidade de melhor atendimento nos hospitais à mulher que se decide pelo aborto frente a uma gravidez indesejada, como se pode observar no exemplo (4) abaixo:

- (4) A diferença mais radical se dá novamente em relação às condições em que o aborto é praticado. A precariedade das condições a que estão sujeitas quando se decidem pelo aborto se evidencia inclusive nas conseqüências físicas acarretadas que necessitam de atendimento médico posterior. (Giovanni 1983, p.173)

Ainda, aproveitando estudo de Maingueneau (1989), pôde-se ver, na reprodução do discurso das mulheres por via direta, a escolha do verbo dicendi apontando para a maneira como a autora interpreta o que é dito pelas entrevistadas. Nesse aspecto, no texto observado, destacava-se o uso insistente do verbo “revelar” (39 ocorrências), certamente expressivo por tratar de tema de natureza polêmica, o aborto. O segundo verbo em número de ocorrências (16) no corpus é “ênfatizar”, que pode ser observado nos dois exemplos mais acima (2) e (3). Maingueneau (1989, pp.88-9) chama atenção para a importância da escolha do verbo introdutório da citação, reconhecendo que ele pode afetar toda a interpretação da citação.

No trabalho de Possenti (1995), a atividade do sujeito estava relacionada à produção de efeito humorístico. No caso do discurso de Giovanni, a observação desses e outros elementos tornou possível relacioná-la a efeitos de caráter argumentativo. Marcas indicativas da presença do auditório, como se pode observar nos exemplos (5) e (6) abaixo, apontam para o fato de que a autora não toma por ouvinte a instituição acadêmica; claramente, o fim que busca alcançar é contribuir para a discussão da polêmica questão do aborto.

- (5) “O aborto estava sendo discutido nos grupos feministas quando comecei esta pesquisa e me pareceu que seria uma contribuição importante ao debate conhecer o que pensam sobre o aborto as mulheres que abortaram.” (Giovanni 1983, p.1)
- (6) “... meu objetivo é oferecer uma contribuição para a discussão da questão, enfatizando um aspecto que me parece ter sido negligenciado nos debates sobre o aborto, até agora realizado, ou seja - o que representa o aborto para as mulheres que abortaram ...” (Giovanni 1983, p.14)

A presença do auditório e as marcas que orientam para um discurso persuasivo levaram-nos a tomar uma teoria da argumentação em parceria com uma teoria do discurso para podermos abarcar, na análise, todos os elementos participantes do discurso enfocado, como os argumentos de que se vale a autora tanto na seleção como na interpretação dos dados. Os recursos expressivos utilizados para a apresentação dos mesmos - como as paráfrases (por meio da substituição, supressão, repetição ou resumo), o discurso relatado (tanto o Discurso Direto como o Discurso Indireto e o Indireto Livre [e suas variantes]) e o uso dos verbos dicendi - mostraram-se adequados à construção de um esquema argumentativo cuja base procura valorizar o “lugar da pessoa”.

A proliferação, tanto na apresentação dos dados como na interpretação dos mesmos, da transmissão do discurso das entrevistadas ganha importância como estratégia de materialização da presença das mulheres frente ao auditório: quando Giovanni as coloca em cena por meio deste recurso, elas deixam de ser “mero objeto” da pesquisa, têm nome (fictício, para preservação da privacidade), têm espaço para falar, para existir (não como número na pesquisa, mas como pessoas). Por meio da interpretação dos discursos das mulheres traduzida nos diferentes tipos de paráfrases, já comentados, Giovanni faz emergir outros sentidos que orientam argumentativamente seu discurso.

Perelman (1996, p.333), ao tratar das “ligações de coexistência”, destaca que “o protótipo dessa construção teórica se encontra nas relações existentes entre uma pessoa e seus atos.” Essa parece ser a base argumentativa sobre a qual se assentam os procedimentos adotados por Giovanni que levam principalmente ao estabelecimento de uma relação de solidariedade entre “aborto” e “projeto de vida”. O resultado do jogo empreendido culmina na “construção da pessoa”. Nesse quadro, o aborto aparece como algo exterior, não próprio à mulher, algo que ela não deseja, mas é obrigada a fazer. De agente, a mulher passa a vítima de uma situação, de uma circunstância; faz-se um levantamento das causas (externas à mulher) e conseqüências (desastrosas para a mulher) relativas ao ato. As entrevistadas aparecem como mães dedicadas, preocupadas com o bem-estar dos filhos, sendo o aborto algo circunstancial, não desejado, mas necessário para preservar o “projeto de vida”. Além de destacar a característica essencial da mulher (ser mãe) como um

valor que ela intimamente quer preservar, importa minimizar ou neutralizar a responsabilidade da mulher sobre o ato praticado, atribuindo-o à ausência de “informações” e “recursos” para controlar a reprodução. A imagem que se constrói da mulher é a de alguém que sofre muito seja fisicamente, seja psicicamente, com a prática clandestina do aborto, por vezes colocando a própria vida em risco.

Podemos dizer que a pesquisa tornou possível a aplicação da concepção de sujeito ativo preconizada por Possenti (1995; 1996) a um outro campo discursivo, uma vez que os dados comprovaram a existência de um trabalho do sujeito quando da utilização dos fenômenos relativos à heterogeneidade. As marcas de heterogeneidade mostradas se apresentam, mais uma vez, como marcas indisfarçáveis da presença do sujeito. Ao mesmo tempo, o entrelaçamento dessa teoria do discurso com uma teoria da argumentação encontrou aplicação bastante favorável na análise de discurso produzido no campo por nós enfocado, o que pode significar um ponto de partida para outras investigações e a continuidade dos questionamentos sobre o estatuto do sujeito nos diversos tipos de discurso, mantendo vivo o debate sobre tema tão pungente e sempre atual dentro da análise do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, J. (1990). Heterogeneidade(s) enuciativa(s). In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 19. Campinas: Unicamp, pp. 25-42.
- BAKHTIN, M. (1995). (Voloshinov, 1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. S. Paulo: Hucitec.
- BRANDÃO, H.N. (1998). *Subjetividade, argumentação e polifonia*, Edit. Unesp.
- _____. H.N. (1991) *Introdução à análise do discurso*, 7ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- CÂMARA, JR. J. Mattoso. (1962). O discurso indireto livre em Machado de Assis. In: *Ensaços Machadianos. Língua e Estilo*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- FRANCHI, Carlos. (1977) Linguagem - atividade constitutiva. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 22. Campinas: Unicamp, 1992, pp. 9-39.
- FUCHS, Catherine. (1983) A paráfrase lingüística. - Equivalência, sinonímia ou reformulação?. Trad. de João Wanderley Geraldi. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 8. Campinas: IEL/Unicamp, 1985, pp. 129-134.
- GADET, F e HAK, T (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- GARCIA, Othon M. (1967) *Comunicação em prosa moderna*, primeira parte, cap. III e IV. Rio de Janeiro: Edit. da Fundação Getúlio Vargas, 1977.
- MAINGUENEAU, Dominique. (1989). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Trad. de Freda Indursky, Campinas: Pontes. Editora da Unicamp.

- _____. Dominique. (1997). *Os Termos-Chave da Análise do Discurso*. Trad. Maria Adelaide P.P. Coelho da Silva, Coleção MEMO, Lisboa: Gradiva.
- OSAKABE, Haqira. (1979). *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairós Livraria e Editora Ltda.
- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F e HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, pp. 163-252.
- PÊCHEUX, MICHEL. (1988). *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp.
- PERELMAN, Chaim. (1993). *O império retórico - retórica e argumentação*. Porto: Edições ASA, 1993.
- _____. Chaim. (1977). *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. Chaim. (1996). *Tratado da argumentação. A nova retórica*. Trad. Maria E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- REBOUL, Olivier (1991). *Introdução à retórica*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- POSSENTI, Sírio. (1988). *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. Sírio. (1995). O 'eu' no discurso do 'outro', ou a subjetividade mostrada. In: *ALFA*. São Paulo: Editora da Unesp, pp. 45-55.
- _____. Sírio. (1996). O sujeito fora do arquivo. In: MAGALHÃES, I. (org.) *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- _____. Sírio. (1996). Pragmática na Análise do Discurso. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos 30*. Campinas: IEL/Unicamp, pp. 71-84.
- _____. Sírio. Notas sobre linguagem científica e linguagem comum. IEL-Unicamp, mimeo.
- _____. Sírio. Notas sobre condições de possibilidade da subjetividade, especialmente na linguagem. IEL-Unicamp, mimeo.
- ZAMBONI, Lilian M.S. (1997). *Heterogeneidade e subjetividade no discurso de divulgação científica*. Tese de Doutorado em Lingüística. Campinas: IEL-Unicamp.